

## Sistema climático: uma questão de escala de abordagem na investigação, na comunicação e na acção



A investigação científica sobre o *sistema climático* envolve diversas áreas do saber – física, química, matemática, geografia, etc. – e o avanço no conhecimento depende do grau de entrosamento pluridisciplinar que for conseguido. No entanto, o encaixe e a operacionalização dos resultados alcançados na melhoria da qualidade de vida e do bem-estar da sociedade exige um esforço acrescido que ultrapassa o conhecimento sobre o seu funcionamento. Obriga à definição prévia dos alvos e das metas a atingir. Sempre que o objectivo for a promoção de novas atitudes, o geógrafo especialista em climatologia pode ter um papel fundamental na comunicação em climatologia, já que ao procurar encontrar modelos de organização do espaço adequados simultaneamente ao suporte biogeofísico existente e às expectativas de qualidade de vida e de bem-estar das pessoas presentes, consegue, com facilidade, seleccionar a estratégia de comunicação que melhor pode servir a acção.

De facto, apesar dos efeitos das acções antrópicas se repercutirem no *sistema climático* global e produzirem efeitos muito para além do local onde decorrem, a apreciação dos fenómenos à escala global dificilmente motiva as modificações do padrão de comportamento individual ou do grupo que seriam essenciais para a minimização dos impactes negativos enunciados. Tanto mais que os reflexos da adopção de novas atitudes não são imediatos nem se fazem sentir especialmente para os grupos que as adoptam.

Quando, por exemplo, procuramos influenciar as tomadas de decisão sobre a localização de actividades no território com o propósito de minimizar as consequências de episódios extremos para o Homem, é oportuno adoptar uma escala de análise local ou regional.

A explicação da complexa teia relacional envolvida no processamento de massa e de energia dentro do *sistema climático* é compreendida com maior facilidade se a fizermos, por exemplo, para um espaço urbano. As implicações nas respostas do *subsistema climático urbano* provocadas pelo tipo de utilização do território emergem, com clareza, por exemplo, no balanço energético definindo um mosaico de microclimas associados ao *modus vivendi*. A esta escala de trabalho é possível evidenciar algumas relações de causalidade entre o contexto climático local, a poluição atmosférica provocada pelas actividades antrópicas e a saúde dos utilizadores do espaço. Nexos de causalidade que pode revelar-se de uma extraordinária eficácia pedagógica para motivar profundas alterações na matriz comportamental pré-adquirida e definidora dos padrões de qualidade de vida e de bem-estar.

Sem abrandar a investigação científica a todas as escalas espaciais e temporais e utilizando todos os instrumentos conceptuais e metodológicos disponíveis, talvez seja útil centrar o debate público em torno das mudanças climáticas, explicando, minuciosamente, a importância dos vários *subsistemas climáticos* para o resultado global. É mais motivador e compreensível, para o cidadão comum, começar por descodificar a complexidade inerente ao *sistema climático* global a partir de exemplos referenciados ao seu *espaço vivido* quotidianamente do que procurar sensibilizá-lo a partir de uma teia relacional complexa mas distante e impessoal.

A diminuição do *conforto*, da *qualidade de vida* e do *bem-estar* devido, por exemplo, à degradação da qualidade do ar é melhor imaginada, mais dramática e tem consequências graves facilmente identificáveis por cada um individualmente.

Recorde-se que o bem-estar, a qualidade do ambiente ou de vida são atributos relativos e relacionais fortemente dependentes das referências disponíveis e da semelhança entre a situação existente e a esperada/desejada. Varia muito rapidamente ao longo do tempo e, não é consensual para todos os cidadãos no mesmo momento histórico. Os impactes de índole climática são apenas um dentre muitos requisitos interiorizados como (des)qualificadores da vida de cada cidadão.

Assim, só depois de bem interiorizada a relação de causalidade entre o tipo de organização do espaço e/ ou as actividades associadas a um determinado modelo de desenvolvimento económico e as modificações na composição química da atmosfera, será mais simples compreender as alterações que, paralelamente, ocorrem no balanço energético global, em particular, e no clima global, em geral.

Por isso, quando pretendemos convencer os decisores e os cidadãos do seu importante papel na mitigação dos impactes negativos provocados pelas manifestações de mudança climática não deveríamos iniciar a abordagem pela escala global onde cada um de nós fica tentado a ver as relações de causalidade muito mais como fabulações do que como factos.

ANA MONTEIRO

PROFESSORA NO DEPT. DE GEOGRAFIA DA FLUP